

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO  
 CULTURA  
 DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA  
 EDUCAÇÃO  
 MEIO AMBIENTE  
 SAÚDE  
 TECNOLOGIA E PRODUÇÃO  
 TRABALHO

## A ESCOLA ENQUANTO ESPAÇO PARA O DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE

**Helena Guimarães Gasperin (Acadêmica do 3º ano de Serviço Social – UEPG. Email: helenaggasperin@gmail.com)**

**Lara Carolina Malanowski (Acadêmica do 2º ano de Serviço Social –UEPG. Email: lara\_malanowski@hotmail.com)**

**Rosiléa Clara Werner (Doutora em Serviço Social. Professora do Departamento de Serviço Social – UEPG. Email: rosileawerner@yahoo.com.br)**

**Resumo:** O presente artigo trata do relato de experiência da oficina sobre sexualidade, realizada pelo projeto de extensão *Saúde e Cidadania: Recriando a Realidade Social*. A oficina aconteceu com 13 adolescentes que frequentam o nono ano do ensino fundamental e/ou o primeiro ano do ensino médio de um Colégio Estadual de Ponta Grossa. Os resultados obtidos evidenciaram a importância de se abordar o assunto com adolescentes, pois eles relatam sofrimento e angústias causadas pelas dúvidas e ao mesmo tempo sobrecarga de informações. O projeto utilizou metodologias ativas, proporcionando aos alunos atendidos um espaço livre e descontraído para externalizar questionamentos, comentários, dúvidas e angústias sobre a sexualidade, gerando conhecimento e segurança para os adolescentes.

**Palavras-chave:** Saúde Sexual e Reprodutiva, Adolescente, Saúde Escolar.

## INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Saúde e Cidadania: Recriando a Realidade Social iniciou suas atividades em 2012 com parceira de instituições que demandam ações direcionadas à promoção da saúde de diversos públicos. O projeto é desenvolvido por acadêmicas e professoras do departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR que, atualmente, em parceria com o Núcleo Regional de Educação, articulado ao Programa Saúde na Escola, com a Secretaria Municipal da Saúde de Ponta Grossa - PR, e com a Unidade de Saúde, desenvolvem atividades com adolescentes do 8º e 9º ano do ensino fundamental e com alunos do primeiro ano do ensino médio, na faixa etária entre 12 e 16 anos, de um Colégio Estadual do Município de Ponta Grossa/Paraná.

O Programa Saúde na Escola (PSE) é resultado da integração entre as políticas de Saúde e Educação e foi instituído pelo Decreto nº 6.286 de 2007, contribuindo para a formação integral dos estudantes através de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde. Visa o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino. (BRASIL, 2015)

O PSE é dividido em componentes, sendo eles: Componente I - Avaliação das condições de saúde, que têm como objetivo obter informações sobre o crescimento e o

desenvolvimento dos escolares; Componente II - Promoção de saúde e Prevenção de agravos, no qual o projeto está inserido, sendo subdividido em temas, entre eles Alimentação Saudável; Práticas Corporais e Atividade Física nas Escolas; Educação para a Saúde Sexual, Saúde Reprodutiva e Prevenção das DSTs/Aids e de Hepatites Virais; Prevenção ao Uso de Álcool, Tabaco e outras Drogas; Cultura de Paz e Prevenção das Violências; Saúde Ambiental e Desenvolvimento Sustentável; Saúde Mental; Prevenção de Violências e Acidentes. E o Componente III - Formação, para gestores e equipes de Educação e de Saúde que atuam no PSE. (BRASIL, 2015)

A parceria do projeto de extensão com o Programa Saúde na Escola foi estabelecida com o objetivo de fortalecer o PSE no município de Ponta Grossa - Paraná, uma vez que

[...] a escola é um espaço privilegiado para práticas de promoção de saúde e de prevenção de agravos à saúde e de doenças. A articulação entre escola e unidade de Saúde é, portanto, uma importante demanda do Programa Saúde na Escola.” (BRASIL, 2015)

O tema escolhido para relatar no artigo é educação para a saúde sexual, pois é um tema muito solicitado pelos adolescentes e segundo pesquisas “a média de idade da primeira relação sexual no Brasil é de 14,9 anos, sendo que as mulheres iniciam mais tardiamente do que os homens.” (SOARES, et al, 2011) Abordar o assunto na oficina, proporcionou ao adolescente conhecimento e tranquilidade para lidar com sua sexualidade.

O tema sexualidade é qualificado como difícil para abordar, devido à vergonha e a “polêmica” que o assunto gera, principalmente quando é com adolescentes, tendo em vista que

[...] a adolescência é considerada como uma fase do desenvolvimento humano de transição entre a infância e a vida adulta, [...] é marcada por transformações biológicas da puberdade e relacionada à maturidade bio-psico-social, [...] sendo uma fase crítica, envolvendo momentos de definições de identidade sexual, profissional, de valores e sujeita a crises [...] A adolescência também está caracterizada por um período de vulnerabilidade física, psicológica e social, com complexas mudanças no processo de desenvolvimento do ser humano. (DAVIM, et all, 2009, p.132)

Essa transitoriedade da infância para a vida adulta faz com que o adolescente apresente comportamentos e emoções antes desconhecidos pela família e amigos que convivem com ele, fazendo com que o adolescente demande uma atenção especial para si, para que assim o ajudem a lidar com as situações e problemas que venham a surgir, além de auxiliar no autoconhecimento, na promoção de sua saúde, no esclarecimento de possíveis dúvidas e preconceitos, através de um diálogo construtivo. (DAVIM, et all, 2009, p.132)

O Projeto de Extensão Saúde e Cidadania: Recriando a Realidade Social, desenvolveu a oficina Sexualidade com os objetivos de: estimular discussões sobre as mudanças do corpo

durante a puberdade e os cuidados necessários; promover reflexões sobre diversidade de gênero; propiciar o debate sobre sexualidade de forma aberta e sem tabus.

## **METODOLOGIA**

A atividade de extensão foi realizada em um colégio estadual de Ponta Grossa, com estudantes do que frequentam o nono ano do ensino fundamental e/ou o primeiro ano do ensino médio no período matutino. Os estudantes foram convidados para participar de um grupo no período vespertino, com encontros quinzenais, com o objetivo de discutir temáticas relacionadas à saúde escolar e afetas ao cotidiano dos adolescentes. Os encontros com o grupo acontecem no colégio sempre na quinta-feira das 13 horas às 15 horas e 30 minutos. O colégio cede uma sala para o projeto e viabiliza almoço para os adolescentes que querem participar, mas moram longe.

Para a realização das atividades de promoção em saúde com o grupo, buscou-se uma relação de ensino-aprendizagem em que os sujeitos se completam e não existe a relação professor-aluno ou extensionistas-ouvintes, mas todos participam do mesmo processo com o objetivo da construção e desconstrução de paradigmas referentes à adolescência. Pois,

[...] a educação deve ser capaz de desencadear uma visão do todo - de interdependência e de transdisciplinaridade -, além de possibilitar a construção de redes de mudanças sociais, com a consequente expansão da consciência individual e coletiva. Portanto, um dos seus méritos está, justamente, na crescente tendência à busca de métodos inovadores, que admitam uma prática pedagógica ética, crítica, reflexiva e transformadora, ultrapassando os limites do treinamento puramente técnico, para efetivamente alcançar a formação do homem como um ser histórico, inscrito na dialética da ação-reflexão-ação. (MITRE, 2008)

No primeiro encontro do grupo os adolescentes presentes constroem um cronograma com as atividades e temáticas a serem desenvolvidas. Optou-se aqui por relatar apenas a oficina de sexualidade. No dia da oficina teve-se a participação de 13 adolescentes na faixa etária entre 14 e 16 anos, sendo seis meninos e sete meninas. Primeiramente, foi realizada uma atividade em que os adolescentes foram divididos aleatoriamente em dois grupos, sendo que o primeiro grupo tinha a tarefa de desenhar em papel pardo o corpo de uma menina e segundo grupo desenhar o corpo de um menino. No desenho em tamanho real deveriam indicar as mudanças que estão vivenciando durante a adolescência, assim como as zonas de prazer. Os grupos tiveram um tempo para conversar e desenvolver a tarefa, sempre monitorados por uma pessoa da equipe de extensão (professoras e acadêmicas de Serviço Social).

Ao término da construção do desenho, abriu-se uma roda de conversa em que cada grupo apresentou seu produto, gerando comparações entre os desenhos e debate das mudanças

que ocorrem nos corpos e vida de adolescentes de ambos os sexos. As características apontadas como mais marcantes foram o crescimento dos peitos, glúteos, coxas, altura, a pele e o cabelo se tornaram mais oleosos, o humor estava mudando constantemente, além do surgimento de acne, estrias e celulites.

Na sequência os adolescentes foram convidados para participar do Jogo: objetos íntimos usados na adolescência. Foi necessário o uso de dois espaços físicos diferentes: uma sala em que foram expostos sobre uma mesa vários objetos que servem para o uso diário e que são usados por homens e mulheres (material de higiene pessoal, roupa íntima, absorvente, preservativos, etc), os objetos estavam numerados. Sendo que o grupo permaneceu em outra sala, a orientação foi de que um saquinho com papéis numerados passaria na roda, e cada adolescentes pegaria um papel numerado do saquinho, esse número corresponde ao objeto da outra sala. O adolescente, após pegar o objeto, deveria falar do uso do mesmo em seu cotidiano e sua utilidade. Para instigar o debate, a equipe organizadora fez perguntas relacionadas ao tema.

Dentre os objetos apresentados os que mais chamaram a atenção dos adolescentes foram: o uso do anticoncepcional, que gerou dúvida em ambos os sexos em relação a como usar, para que serve e o que acontece no organismo quando usado; o uso do absorvente interno, em que a dúvida foi principalmente das meninas, em fazer o uso e perder a virgindade e ficaram “satisfeitas” em saber que é um ótimo aliado em dias de menstruação para aproveitar a ida a piscina e praia; e o uso do absorvente externo, principalmente os meninos, que desconheciam o produto, de que material é feito e como as mulheres utilizam no cotidiano.

No momento em que o número sorteado foi à camisinha feminina e a camisinha masculina, foi possível explicar como se usa os preservativos com a ajuda de protótipos, adolescentes mostraram-se curiosos e interessados em aprender também através dos protótipos, foi possibilitado que todos que se sentissem a vontade pudessem abrir o preservativo e colocar no protótipo. Ao final foi disponibilizado preservativo para levarem para casa.

## **RESULTADOS**

A metodologia utilizada na oficina e o uso de linguagem simples e informal foi essencial para proporcionar um espaço de descontração, de troca de informações e permitiu um diálogo aberto sobre sexualidade na adolescência.

Verificou-se a importância da oficina no momento em que as dúvidas foram aparecendo e o quanto o excesso de informação acaba se tornando uma desinformação caso essas dúvidas não sejam esclarecidas, como por exemplo, na demonstração do uso da camisinha, onde os adolescentes conheciam a camisinha masculina, mas desconheciam a feminina e ainda haviam alguns que não sabiam como colocá-las corretamente.

Percebeu-se as diferentes opiniões e informações entre aqueles adolescentes que possuem uma família presente e aqueles com lacunas familiares. Os adolescentes relataram: “eu sei como funcionam os métodos contraceptivos, porque a minha mãe já me levou ao ginecologista”, ou “conheço absorvente porque já tive que comprar pra minha mãe”. Notou-se também a curiosidade principalmente por parte dos meninos sobre a menstruação, questionando “dói menstruar?” ou “você podem escolher a hora que querem menstruar?”.

O grupo ficou atento e animado ao saber que podem ir à consulta médica sozinho, com referência em Oselka (2000, p 306) tem-se que

Os Departamentos de Bioética e Adolescência da Sociedade de Pediatria de São Paulo e da Sociedade Brasileira de Pediatria apresentam as seguintes recomendações:

1. O médico deve reconhecer o adolescente como indivíduo progressivamente capaz e atendê-lo de forma diferenciada.
2. O médico deve respeitar a individualidade de cada adolescente, mantendo uma postura de acolhimento, centrada em valores de saúde e bem-estar do jovem.
3. O adolescente, desde que identificado como capaz de avaliar seu problema e de conduzir-se por seus próprios meios para solucioná-lo, tem o direito de ser atendido sem a presença dos pais ou responsáveis no ambiente da consulta, garantindo-se a confidencialidade e a execução dos procedimentos diagnósticos e terapêuticos necessários. Dessa forma, o jovem tem o direito de fazer opções sobre procedimentos diagnósticos, terapêuticos ou profiláticos, assumindo integralmente seu tratamento. Os pais ou responsáveis somente serão informados sobre o conteúdo das consultas, como por exemplo, nas questões relacionadas à sexualidade e prescrição de métodos contraceptivos, com o expresse consentimento do adolescente.

Muitas meninas não sabiam que poderiam consultar um ginecologista mesmo não estando grávidas e que poderiam ir até uma unidade básica de saúde consultar sozinhas, visto que se sentem mais confortáveis para esclarecer dúvidas sem a presença dos pais, e que essa consulta é de grande importância para a saúde da mulher, assim como muitos meninos nunca tinham se preocupado em entender como o corpo feminino funciona e como isso poderia afetar a vida deles no futuro, já que terão namoradas e filhas.

Mesmo com tantos avanços e facilidades nos meios de comunicação a sexualidade continua um assunto velado em nossa sociedade. Com a oficina foi possível disponibilizar informações e abrir espaço para o diálogo de uma gama de assuntos importantes para os adolescentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante este relato de experiência, conclui-se que é de extrema importância abordar o tema sexualidade com a população adolescente, pois durante a oficina ficou evidente o quão vulneráveis estes se encontram. Tendo em vista todas as sobrecargas de informações que recebem e as dúvidas, que muitas vezes não são esclarecidas devido à falta de diálogo na família e na escola.

Verificou-se que a oficina, proporcionou um espaço de interação, troca de informações e criação de vínculo entre os participantes gerando novas demandas, inclusive depois desta oficina foi realizado com os adolescentes uma visita com roda de conversa na Unidade de Saúde próxima a escola. A equipe do projeto de extensão compreende que conhecimento gera cidadania.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_gestor\\_pse.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_gestor_pse.pdf)>. Acesso em 05 jul. 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 dez. 2007.

DAVIM, Rejane M. Barbosa; GERMANO, Raimunda Medeiros; MENEZES, Rejane M. Viana; CARLOS, Djailson J. Delgado. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun.2009. Disponível em <http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=324027966015>>. Acesso em 05 jul. 2017.

MITRE, Sandra Minardi et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, Dec. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000900018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900018)>. Acesso em 05 Jul. 2017.

OSELKA, Gabriel; TROSTER, Eduardo Juan. Aspectos éticos do atendimento médico do adolescente. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 306-307, Oct. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302000000400024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302000000400024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 de jul. 2017.

SOARES, Ana Luiza G. et al. **Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde**. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-790X2015000100025](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2015000100025)>. Acesso em 05 jun. 2017.